3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A atualidade do curso de graduação em Enfermagem da UEL evidenciou-se a fase mais importante de nosso estudo, pois é nela que é observada a realidade para detectar se a implementação de uma mudança curricular radical causa ou não sentimentos de prazer e/ou sofrimento no trabalho. A realidade que se nos apresenta envolve pessoas inseridas em um determinado contexto social, econômico e cultural, em que procuramos observar algumas inter-relações possíveis, enquanto fatores que pudessem interferir no processo laboral. Iniciava-se, assim, um procedimento de discussões reflexivas, sobre os problemas que uma implementação radical pudesse ocasionar nas pessoas e no seu processo de trabalho. As mudanças de comportamento das enfermeiras docentes estavam evidentes, devido aos impactos que essa implementação causava. Para entender porque tais fatos ocorrem, fez-se necessária a realização de um estudo que pudesse diagnosticar quais os indicadores desse quadro, a fim de clarificar os sentimentos das enfermeiras docentes no ambiente laboral.

3.1 O PROBLEMA

Nos mais de vinte anos de carreira docente, especificamente, nos últimos seis anos, em que exercemos a função de coordenadora do colegiado de curso de graduação, questionamo-nos, com certa freqüência, a respeito dos sentimentos de prazer e de sofrimento da enfermeira exercendo o trabalho de docente, bem como sobre as conseqüências da mudança curricular, em relação a tais sentimentos, no trabalho dessas docentes. Decorre daí nosso questionamento central do qual derivarão outros três: as enfermeiras docentes, com titulações de doutor, mestre e especialista, vivenciam sentimentos de prazer e de sofrimento gerados no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical?

A universidade não constitui uma instituição isolada, ela é parte dos processos globais de organização e transformação da sociedade. Para isso, é necessária uma revolução pelo conhecimento e pela educação, exigindo que se articule investigação científica criadora, invenção tecnológica, filosófica, pedagógica, literária e lingüística com processos substantivos de mudança econômica, cultural e política (Fernandes, 1984).

Se por um lado é exigido das universidades preparar profissionais qualificados, que possam auxiliar a sociedade, do docente é exigida a competência técnica e científica que o torne capaz de exercer a mediação entre o aluno e o saber sistematizado.

No ensino atual não há mais lugar para conhecimentos desconectados da realidade; as mudanças na educação brasileira e mundial estão na modernização do ensino; os alunos devem ser formados para ser cidadãos capazes de participar do novo mundo contemporâneo. As habilidades e competências dos alunos devem mobilizá-los para saber fazer e solucionar situações novas; para isso o docente deve também ser preparado para uma nova forma de compreender o ensino e aprendizagem (Consolaro, 2000).

É neste contexto educacional que o curso de graduação em Enfermagem da UEL tem pautado suas reflexões e ações e está implementando uma mudança curricular radical. A história desse curso mostra uma preocupação constante com o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, pois o mesmo sempre esteve sintonizado com as mudanças nas áreas da saúde e educação. Ao longo de 30 anos de sua existência, registra uma pratica compromissada, impulsionando modificações curriculares, por acreditar que esta dinâmica consiga, efetivamente, aprimorar a formação do enfermeiro e o exercício profissional na área da saúde.

No decorrer desse período, o currículo sofreu um total de seis reformulações. As quatro primeiras constituíram as substituições de sistema de crédito para seriado, de aumento da carga horária, passando de três para três anos e meio e, posteriormente, para quatro anos. Ou seja, as alterações ocorridas deslocaram as disciplinas de um semestre para outro,

com a finalidade de aumentar ou diminuir cargas horárias, sem constituir transformação significativa do processo de ensino e aprendizagem, mantendo-se as disciplinas do tronco básico e do ciclo profissionalizante.

Nessa trilha, o ensino seguia os critérios adotados pelos demais cursos de graduação em Enfermagem, propostos desde a criação da primeira escola de nível superior no Brasil e que prescreviam as peculiaridades próprias da organização do trabalho dos docentes. Nesse sentido, cada área era responsável pelas suas disciplinas, pela forma de avaliar os alunos, pelos estágios, pela didática empregada; por tudo que se referia à disciplina, respeitando-se, assim, a autonomia dos docentes no seu gerenciamento. Quando havia necessidade, as diferentes áreas reuniam-se para discutir e solucionar problemas.

A organização do trabalho, na sua forma tradicional, permitia aos docentes dominar a área de conhecimento sob sua responsabilidade, mesmo sem ter a concepção do todo. Essa autonomia gerava um certo sentimento de segurança, pois, ao mesmo tempo que as disciplinas eram fragmentadas, o docente conseguia ministrá-las, repassando aos alunos, desde o início até o término das mesmas, uma visão global do seu desenvolvimento.

Portanto, as reformas anteriores, que descrevemos, não causaram grandes impactos no processo de trabalho do docente. Entretanto, a quinta e, principalmente, a sexta mudança curricular, em seu conjunto, trouxeram ao grupo de docentes uma mobilização intensa. Desencadearam

um processo amplo de discussão sobre o papel do docente, do aluno, do colegiado. do ensino e, finalmente, do conteúdo da avaliação, apontando a necessidade de um avanço mais significativo, capaz de superar os pontos críticos, detectados no currículo anterior. Levantamos, então, nossos dois primeiros questionamentos: as enfermeiras docentes vivenciam sentimentos de valorização no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical? Vivenciam sentimentos de reconhecimento no trabalho frente à implementação de tal mudança curricular?

O colegiado, como órgão instituído, foi o condutor deste processo de modificação curricular. A partir da sexta mudança, foram realizadas numerosas capacitações pedagógicas e específicas na enfermagem e, após esta fase, o grupo optou por construir um currículo integrado por módulos, que foi implementado em fevereiro de 2000. Neste currículo, no lugar das disciplinas, surgem os módulos interdisciplinares, conduzidos a partir de recortes dos conteúdos teóricos e práticos.

O currículo integrado reúne os argumentos da globalização, da interdisciplinaridade, do conhecimento e das inter-relações sociais, econômicas e políticas. Integração significa unidade das partes, não simples soma ou agrupamento de objetos distintos de partes diferentes, mas sim, a unidade que deve existir entre diversas disciplinas e formas de conhecimentos (Santomé, 1998).

Há uma nova lógica no contexto acadêmico das enfermeiras doentes, porque a organização do seu trabalho modificou-se radicalmente.

Nessa perspectiva, não há mais disciplinas, a concepção de ensino e aprendizagem é outra; o papel do professor não é mais de transmissor de conteúdos, mas sim de facilitador da aprendizagem.

Essa lógica desencadou uma serie de ações e reações, as mais diversas, no cotidiano de trabalho. Em reuniões de departamento e de avaliação do currículo, algumas docentes têm verbalizado os seus sentimentos com relação à mudança curricular. De acordo com algumas enfermeiras docentes, essa nova lógica vem gerando sofrimento, sensação de perda do sentido do trabalho, desgaste físico e mental, privação daquilo que sabiam fazer, medo, ansiedade, angústia, falta de segurança e de compreensão da lógica das decisões. Para outras, significa um momento de criação, de renovação, de movimento e alegria pelo crescimento pessoal e realização coletiva.

Entendemos que surgem inquietações quando o trabalhador tem que fazer o que não fazia antes, sentindo-se invadido pelos sentimentos mais extremos, numa escala que oscila entre o fracasso e o sucesso. Dessa forma, ao deparar-se com uma situação de subemprego de suas capacidades, em face da a complexidade dos sentimentos, pode correr o risco de um fracasso (Dejours,1988). As inquietações referidas anteriormente provocaram a formulação de nosso terceiro questionamento: As enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de sofrimento no trabalho frente à implementação de uma mudança curricular radical, em virtude dos desgastes que a mesma provoca?

Nossa trajetória de pesquisa, diante das posições diferenciadas de enfrentamento de conflito, instigou-nos a pesquisar os sentimentos de prazer e de sofrimento no trabalho dessas docentes, por entender que a variável trabalho é imprescindível na vida das pessoas como fonte de satisfação e de auto-realização. É uma determinante fundamental para a qualidade de vida e ocupa lugar de destaque na vida dos homens e das mulheres, chegando a assumir característica inseparável.

Por fim, gostaríamos de registrar que, embora sejamos oriundos de instituições ainda impregnadas de vícios acumulados através da nossa história e, também, educados num sistema autoritário que leva mais à submissão do que à consciência do efetivo exercício da cidadania ao longo de nossa prática, crescemos profissionalmente. Nessa trajetória profissional, adquirimos maior conhecimento dos dispositivos legais, sobretudo, por acompanharmos as lutas que defendem um trabalho digno e satisfatório, que nos remete a plena cidadania. Numa perspectiva de análise pautada no processo de desenvolvimento que traz consigo a complexificação das relações sociais, inerentemente contraditórias numa sociedade estruturada em classes como a nossa, as novas propostas que anunciam um compromisso mais efetivo com o ensino, são o ponto de maior relevância para o alcance de resultados mais concretos.

3.2 OBJETIVOS

3.2.1 Geral

Verificar se as enfermeiras docentes, vivenciam sentimentos de prazer e de sofrimento gerados no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical.

3.2.2 Específicos

Verificar se:

- as enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de valorização no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical;
- as enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de reconhecimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical e
- as enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de sofrimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical, em virtude dos desgastes que a mesma provoca.

3.3 HIPÓTESES

Considerando as modificações em curso, provocadas pela implementação de uma mudança curricular radical, que têm trazido novas formas de atuação das docentes, e dando continuidade ao nosso planejamento, levantamos as seguintes hipóteses para melhor entendimento do problema:

H1: as enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de valorização no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical;

H2: as enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de reconhecimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical e

H3: as enfermeiras docentes, com diferentes titulações, vivenciam sentimentos de sofrimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical, em virtude dos desgastes que a mesma provoca.

Para verificar estas hipóteses, foram formuladas as seguintes hipóteses estatísticas:

$H_{0\text{-}1..1}$ – As enfermeiras docentes ***não*** vivenciam sentimentos de valorização no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical. E, ainda, não há diferença

significativa nas médias obtidas tanto por docentes que têm titulação de **doutor** quanto as que têm a titulação de **mestre**.

$H_{0\text{-}1..2}$ - As enfermeiras docentes ***não*** vivenciam sentimentos de valorização no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas tanto por docentes que têm titulação de **mestre** quanto as que têm titulação de **especialista**.

$H_{0\text{-}1..3}$ - As enfermeiras docentes ***não*** vivenciam sentimentos de valorização no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas tanto por docentes que têm titulação de **doutor** quanto as que têm titulação de **especialista**.

$H_{0\text{-}2.1}$ - As enfermeiras docentes ***não*** vivenciam sentimentos de reconhecimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical. E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas tanto por docentes que têm titulação de **doutor** quanto as que têm titulação de **mestre**.

$H_{0\text{-}2..2}$ - As enfermeiras docentes ***não*** vivenciam sentimentos de reconhecimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical. E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas tanto por docentes que têm titulação de **mestre** quanto as que têm titulação de **especialista**.

$H_{0\text{-}2..3}$ - As enfermeiras docentes ***não*** vivenciam sentimentos de reconhecimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical. E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas tanto por docentes que têm titulação de **doutor** quanto as que têm titulação de **especialista**.

$H_{0\text{-}3.1}$ – As enfermeiras docentes, com diferentes titulações, **não *vivenciam*** sentimentos de sofrimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical, em virtude dos desgastes que a mesma provoca. E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas por docentes que têm titulação de **doutor** e as que têm titulação de **mestre**.

$H_{0\text{-}3..2}$ – As enfermeiras docentes, com diferentes titulações, **não *vivenciam*** sentimentos de sofrimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical, em virtude dos desgastes que a mesma provoca. E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas por docentes que têm titulação de **mestre** e as que têm titulação de **especialistas**.

$H_{0\text{-}3..3}$ - As enfermeiras docentes, com diferentes titulações, **não *vivenciam*** sentimentos de sofrimento no trabalho, frente à implementação de uma mudança curricular radical, em virtude dos desgastes que a mesma provoca. E, ainda, não há diferença significativa nas médias obtidas por docentes que têm titulação de **doutor** ou as que têm titulação de **especialistas**.